

Trabalhos Científicos

Título: O Perfil Epidemiológico Da Dengue Em Crianças E Adolescentes Em Uma Capital Da Amazônia Legal

Autores: LETÍCIA TOLEDO COSTA (DISCENTE DE MEDICINA NO CENTRO UNIVERSITÁRIO APARÍCIO CARVALHO - FIMCA), MARIA EDUARDA LEVATTI GEDRO (MÉDICA RESIDENTE EM PEDIATRIA DO HOSPITAL DE BASE DR. ARY PINHEIRO-HBAP)

Resumo: Introdução A dengue é uma arbovirose, vírus do gênero Flavivirus, transmitida pelo mosquito Aedes aegypti. É endêmica e sazonal com predominância no verão, concentrada na região Norte e Centro-Oeste do país. As manifestações clínicas na criança e no adolescente são geralmente sinais e sintomas inespecíficos, como: hipertermia, hiporexia, adinamia, mialgia, cefaleia, vômitos e diarreia. O agravamento nestes casos é súbito e comumente no terceiro dia de afecção. Objetivo Este trabalho apresenta como objetivo realizar análise de dados sobre a dengue em Porto Velho - Rondônia, indicando a relevância dos métodos de prevenção e notificação dessa afecção na saúde pública. Métodos Realizado com levantamento de dados publicados pelo Ministério da Saúde no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SinanNet - DATASUS) que foram correlacionados com a literatura atual. Resultados Foram notificados 212 casos, sendo 13 em menores de 1 ano, 75 em crianças de 1 a 9 anos, e 124 casos em adolescentes de 10 a 19 anos. Quase 60% dos pacientes eram pardos e apenas 14% de raça branca, sem relação entre sexos. Os critérios confirmatórios predominantes foram os laboratoriais (44%) e clínico-epidemiológico (41%). Os exames laboratoriais destacados foram sorológico (IgM), positivo em 73 pacientes e ELISA confirmado em 17 infectados. A hospitalização foi consideravelmente alta, com 24 crianças e adolescentes, porém sem evolução para óbito por complicações. A capital Porto Velho teve o segundo maior número de casos no estado, ficando atrás apenas de Vilhena. Conclusão Os resultados, apesar da falha na notificação, mostram alta incidência de dengue em crianças e adolescentes na cidade, mesmo com medidas preventivas aplicadas, afetando principalmente os indivíduos de baixa renda, sem predomínio de sexo, e com maior afecção em adolescentes. Apesar do número de hospitalizações ser baixo (11%), gera gastos em saúde pública que poderiam ser reduzidos com medidas de prevenção primária e secundária.